

Lúcia Santaella

*Estética  
de Platão a Peirce*

1994

EXPERIMENTO

Santaella, Lúcia  
Estética: de Platão a Peirce / Lúcia Santaella. - São Paulo: Experimento, 1994.  
224 p. ; 21 cm  
Bibliografia  
ISBN 85-85597-06-2

1. Estética. 2. Semiótica. 3. Filosofia. I. Título.

CDD 701.17  
149.946  
100

Ficha catalográfica fornecida pela Biblioteca Central da PUC/SP

Copyright © Lúcia Santaella

Revisão: Fernanda Paradiso  
Editoração Eletrônica: Ricardo Melani  
Capa: Ana Aly

Editora Experimento  
Avenida Ipiranga 84/503  
01046-010 São Paulo SP  
Telefone: (011) 288-0124

Para Brooke Williams e John Deely sob cujo teto, num inverno inimaginavelmente gélido, mas envolvida no calor, carinho, alegria e desprendimento de suas amizades límpidas, este livro começou a ser escrito.

## Índice

Abertura .....	9
Introdução Geral .....	11
Primeira parte: As estéticas filosóficas .....	19
Introdução .....	21
1. As aparições do belo .....	25
2. A gestação do gosto e do sublime .....	37
3. A emergência da estética .....	43
4. O apogeu da estética .....	65
5. A multiplicação das estéticas .....	87
Segunda parte: a estética de C. S. Peirce .....	103
Introdução .....	105
6. A estética como filosofia e ciência .....	111
7. Os dilemas da estética .....	125
8. A estética e as artes .....	141
9. A semiótica de Peirce .....	153
10. A estética à luz da semiótica .....	167
Notas finais .....	187
Bibliografia .....	203

10 .....  
 11 .....  
 12 .....  
 13 .....  
 14 .....  
 15 .....  
 16 .....  
 17 .....  
 18 .....  
 19 .....  
 20 .....  
 21 .....  
 22 .....  
 23 .....  
 24 .....  
 25 .....  
 26 .....  
 27 .....  
 28 .....  
 29 .....  
 30 .....  
 31 .....  
 32 .....  
 33 .....  
 34 .....  
 35 .....  
 36 .....  
 37 .....  
 38 .....  
 39 .....  
 40 .....  
 41 .....  
 42 .....  
 43 .....  
 44 .....  
 45 .....  
 46 .....  
 47 .....  
 48 .....  
 49 .....  
 50 .....  
 51 .....  
 52 .....  
 53 .....  
 54 .....  
 55 .....  
 56 .....  
 57 .....  
 58 .....  
 59 .....  
 60 .....  
 61 .....  
 62 .....  
 63 .....  
 64 .....  
 65 .....  
 66 .....  
 67 .....  
 68 .....  
 69 .....  
 70 .....  
 71 .....  
 72 .....  
 73 .....  
 74 .....  
 75 .....  
 76 .....  
 77 .....  
 78 .....  
 79 .....  
 80 .....  
 81 .....  
 82 .....  
 83 .....  
 84 .....  
 85 .....  
 86 .....  
 87 .....  
 88 .....  
 89 .....  
 90 .....  
 91 .....  
 92 .....  
 93 .....  
 94 .....  
 95 .....  
 96 .....  
 97 .....  
 98 .....  
 99 .....  
 100 .....

## Abertura

Fui despertada para a importância da estética peirceana, ao assistir a uma das mais belas palestras apresentadas no congresso dos 150 anos do nascimento de Peirce, realizado em Harvard, USA, em setembro de 1989. Falando sobre "A Sedução do Ideal", Richard J. Bernstein conseguiu, por quase uma hora, o que poucos conseguem por alguns minutos: manter uma ampla plateia sintonizada num mesmo ponto da emoção e deleite intelectual, suspensa no fio da voz e vida de sua inteligência e sensibilidade. Fui fisgada, talvez para sempre, na rede dessa sedução.

No primeiro semestre de 1990, criei coragem e preparei um curso sobre a estética peirceana, no programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Foi nessa ocasião que, ainda com dificuldade, em meio a muitas incertezas, decidi acercar-me pela primeira vez do tema. Tal aproximação foi paradoxal. Ficou numa visão panorâmica, de sobrevôo da questão.

Em 1992, munida de bibliografia adicional sobre o assunto, no livro *A Assinatura das Coisas. Peirce e a Literatura* (ed. Imago), voltei à estética, tentando olhá-la mais de perto. Mesmo assim, ficaram ainda algumas zonas de nebulosidade que, naquele momento, não consegui atravessar.

Em um dos capítulos do livro *Metodologia Semiótica. Fundamentos*, que defendi como livre-docência na ECA/USP, em dezembro de 1993, retornei mais uma vez à estética e avancei

talvez um pouco mais. Isso me encorajou a dar, no segundo semestre desse mesmo ano, novamente um curso de pós-graduação sobre a estética peirceana, mais monográfico, com uma visão mais de frente e específica. Sai desse curso com um turbilhão de idéias na cabeça, talvez sugestivas, mas bastante assistemáticas.

Encontrando, durante o início de 1994, condições objetivas ideais para o desenvolvimento de um trabalho intelectual absorvente, criei finalmente coragem para enfrentar o touro à unha.

Embora o tempo, esse implacável admoestador do pensamento, venha certamente me trazer a autocritica deste trabalho, devo confessar que esta foi a primeira vez que deixei o tema da estética peirceana sem me sentir em dívida. Se a investigação, segundo Peirce, é um processo que é conduzido para nos livrar da insatisfação da dúvida, rumo ao repouso temporário numa crença, mesmo sabendo-a provisória, esta foi verdadeiramente uma investigação. Que ela esteja num livro, para ser compartilhada, livra-me do peso de consciência, ou talvez do egoísmo que um repouso da dúvida, em nível puramente individualista, certamente acarretaria. Aliás, nessa externalização, nessa entrega ao outro, para que este a devolva diferida, reside o traço fundamental, ainda segundo Peirce, que faz uma investigação ser científica.

O levantamento do material bibliográfico necessário à execução deste livro, inclusive a consulta aos manuscritos de C.S. Peirce, foi feito na Universidade de Indiana, durante os meses de novembro-92 a abril-93, sob os auspícios do CNPq. A escritura do trabalho se deu nos meses de janeiro a março de 1994, também em Indiana, com auxílio da CAPES. A ambas as instituições meus agradecimentos sinceros.

Lúcia Santaella

Bloomington, março de 1994

## Introdução geral

A palavra "estética" é derivada do grego *aisthesis*, significando sentir. A raiz grega *aisth*, no verbo *aisthanomai*, quer dizer sentir, não com o coração ou com os sentimentos, mas com os sentidos, rede de percepções físicas (Barilli 1989: 2). O termo é hoje tão largamente utilizado que pode servir para qualificar tanto as filosofias do belo, quanto a elegância de uma fórmula matemática, os objetos artísticos, ou até mesmo um crepúsculo, as cercanias do mar, um rosto trabalhado pelo tempo (como diria Borges). Na história da Filosofia, contudo, essa palavra encontrou designações relativamente bem definidas. O primeiro a utilizá-la filosoficamente foi Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762), em 1735, no texto denominado *Reflexões Filosóficas sobre Algumas Questões Pertencentes à Poesia*, onde ela foi definida como a ciência da percepção em geral. Na sua obra posterior, *Aesthetica*, essa ciência da percepção foi tomada como sinônimo de conhecimento através dos sentidos, a "perfeição da cognição sensitiva" que encontra na beleza o seu objeto próprio (Cohen e Guyer 1982: 1).

A partir de Baumgarten, a primeira grande obra a dar forma e conteúdo à estética filosófica foi a terceira crítica de Immanuel Kant (1724-1804), a *Crítica do Julgamento*, de 1790, mais especificamente na sua primeira parte, "Crítica do Julgamento Estético". Embora não se possa considerar essa terceira crítica

isoladamente do contexto geral das outras obras monumentais de Kant, a crítica do julgamento tem um certo grau de autonomia, na medida em que circunscreve um conjunto de desafios intelectuais com os quais estamos até hoje fadados a nos defrontar, quando tentamos compreender os problemas relacionados com as regiões mais sensíveis do nosso pensamento, sentimento, discurso e ação.

Embora a palavra em si, no contexto filosófico em que ela viria a ser inserida, só tenha aparecido em 1735, as questões relativas à estética, no Ocidente, tiveram sua origem no mundo grego, mais especialmente no pensamento de Platão (428-348), em cuja obra encontramos a primeira teoria da arte e do belo de que temos notícia. De fato, foi Platão quem levantou os problemas relativos à criação, para os quais foram dadas as mais diversas interpretações através do tempo e com os quais nos debatemos até hoje, tais como a natureza da inspiração, a relação da criação com a emoção, o impacto e efeitos da arte sobre o receptor, as antinomias entre o conhecimento verdadeiro e a ilusão das paixões, as consequências do descomedimento e as virtudes da temperança... Se Platão levantou esses problemas, Aristóteles (por volta de 384-322 a. C.) foi o primeiro a lhes dar formalização na sua *Poética*, obra que, sem margem de erro, pode ser qualificada como a teoria da arte e crítica mais influente em toda a história do Ocidente. Enfim, os problemas estéticos são tão antigos quanto a filosofia, tendo recebido, nos muitos séculos que transcorreram desde Platão até os nossos dias, as mais diversas entonações e interpretações. Embora toda a primeira parte deste livro esteja planejada para a discussão panorâmica dos autores e obras filosóficas que marcaram a compreensão da estética que o Ocidente foi gradativamente tecendo através dos séculos, este não é o objetivo central do presente livro. Ao contrário, o que se pretende desenvolver aqui é um estudo monográfico das concepções estéticas, ou melhor, da teoria estética criada por Charles Sanders Peirce (1839-1914), cientista, matemático, lógico e filósofo norte-americano, criador da moderna ciência semiótica. Nessa medida, a compreensão do desenvolvimento histórico da estética filosófica ocidental figurará na primeira parte como uma espécie de moldura ou contextualização para que se possa julgar, por comparação, de um lado, o grau de originalidade e relevância

da contribuição que Peirce veio trazer para o tema. De outro lado, para que se possa avaliar a importância dessa contribuição para o ambiente intelectual contemporâneo, no qual, sob o rótulo de pós-moderno, pós-modernismo ou pós-modernidade, as questões relativas ao estético voltaram a ocupar o centro candente das atenções de intelectuais, filósofos ou não, em todo o mundo.

Peirce não deixou nenhum tratado sobre estética. Aliás, não obstante tenha, quando jovem, estudado, com muito cuidado e paixão, as cartas *Sobre a Educação Estética da Humanidade*, de Johan Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805), e fosse um grande conhecedor da obra de Kant, não obstante tivesse um grande interesse pelas artes e fosse bom conhecedor da literatura, por várias vezes, ele se declarou um ignorante em estética. Se ele próprio não ocultou sua ignorância, como justificar este estudo monográfico que aqui pretendo apresentar ao leitor?

Cada vez mais, especialmente a partir de 1900, a estética passou a ocupar um lugar proeminente na arquitetura filosófica de Peirce a um tal ponto que, sem a compreensão aprofundada do papel fundamental por ela desempenhado como alicerce da ética e, por extensão, da própria lógica ou semiótica, não é possível entender o seu segundo pragmatismo, que ele re-batizou sob o título de pragmatismo, para diferenciar dos vários pragmatismos que nasceram sob sua inspiração, mas dos quais Peirce discordava inteiramente. Numa carta dirigida a William James (1842-1910), em 25 de novembro de 1902 (CP 8.255), ao recolocar seu pragmatismo em novas bases, Peirce enfaticamente afirmava sua visão da preponderância da estética sobre as outras disciplinas filosóficas:

Mas eu pareço ser o único depositário, no presente, do sistema completamente desenvolvido, que se mantém unido, não podendo receber qualquer apresentação apropriada em fragmentos. Minha própria visão de 1877 era crua. Mesmo quando dei minhas palestras em Cambridge, não havia chegado ao cerne da questão, deixando de ver a unidade da coisa toda. Não foi senão depois disso que obtive a prova de que a lógica deve estar fundada na ética, da qual ela é um desenvolvimento mais elevado. Mas mesmo então, por algum tempo, fui tão imbecil a ponto de não ver que a ética, do mesmo modo, está fundada sobre a estética, — pela qual, desnecessário mencionar, eu não quero significar leite e açúcar.

Várias são as dificuldades, até hoje não completamente transpostas, que levaram a grande maioria dos intérpretes de Peirce a uma desatenção no que se refere à importância da estética para a compreensão do todo de sua obra, e mesmo ao conhecimento da originalidade de sua visão da estética como disciplina filosófica. Ao morrer, ele deixou 12.000 páginas publicadas em vida, em artigos nas mais diversas revistas e dicionários científicos e filosóficos. Os manuscritos não publicados que sua segunda mulher, Juliette, entregou à biblioteca de Harvard após seu falecimento, no entanto, chegavam perto de 90.000 páginas. Quase ao final de sua vida, com alguma exasperação Peirce confessou que era tal o estado do desordem dessas páginas que ninguém, nem ele mesmo, seria capaz de organizá-las. Enganou-se. Graças ao inestimável trabalho de uma equipe de investigadores, sob a coordenação de Max H. Fisch, os manuscritos foram ordenados, paginados e, muitos deles, inclusive datados. Mas, até que isso acontecesse, passaram-se décadas. Enquanto isso, durante pelo menos quarenta anos, a única parcela acessível de sua obra reduzia-se às 6.000 páginas publicadas nos *Collected Papers*. O valor dessa coletânea não deve evidentemente ser minimizado, mas seus limites não podem também deixar de ser apontados. A seleção temática dos escritos não permite sequer entrever o desenvolvimento histórico das idéias de Peirce. Mas, pior do que isso, a extrema fragmentação a que seu pensamento foi submetido para poder caber em 6.000 páginas deu origem a um verdadeiro folclore de leituras equivocadas e mal-entendidos sobre sua obra. O trabalho mais recente de esclarecimento de muitos desses equívocos, por parte daqueles que têm buscado o acesso aos manuscritos, tem sido duplo: corrigir, de um lado, e re-interpretar, de outro.

A partir da organização dos manuscritos, foi instalado em Indianápolis, em 1976, o *Peirce Edition Project*, projeto ambicioso para a publicação cronológica, em trinta volumes, de escritos peirceanos criteriosamente selecionados de acordo com as normas mais modernas de editoração. Depois de quase vinte anos de existência, no entanto, esse projeto só conseguiu chegar até agora ao quinto volume, o que muito tem frustrado as esperanças de avanço nas pesquisas sobre a obra peirceana, levando à suposição de que infelicidades semelhantes às que assaltaram a vida de

Peirce estejam continuando a assaltar sua obra. De qualquer modo, todas essas precauções bibliográficas estão sendo tomadas para explicar as principais razões que levaram à negligência quase sempre involuntária de seus intérpretes em relação à estética, entre outros tópicos igualmente, e pelos mesmos motivos, negligenciados de sua obra, os quais não vem ao caso serem aqui analisados.

Assim sendo, a principal razão da falta de interesse na estética peirceana tem derivado da certeza antecipada e equivocada de seus comentadores de que não há uma teoria estética em sua obra e, mesmo que houvesse, ela não passaria de uma série de fragmentos esparsos e descolados que não chegariam a se integrar em um todo que pudesse fazer sentido. Embora, de fato, as referências peirceanas à estética estejam espalhadas nos mais diversos escritos, afirmação que só tende a se confirmar em função da fragmentação a que esses escritos foram submetidos nos *Collected Papers*, um dos objetivos deste livro, talvez o principal, é o de evidenciar não apenas que há uma teoria estética em Peirce, mas também que essa teoria tem coerência, além de relevância para a discussão de questões que estão sendo debatidas contemporaneamente.

#### O LUGAR DA ESTÉTICA NA OBRA PEIRCEANA

Assim como Kant, Peirce tinha uma concepção arquitetônica da filosofia, mas só por volta de 1900 – depois de quase quarenta anos de trabalho científico dedicados às mais diversas áreas do saber, que iam da matemática, física, astronomia e química até a história, psicologia e principalmente a lógica concebida como semiótica, para a qual sua grande vocação intelectual se dirigia –, foi quando Peirce conseguiu configurar a arquitetura de sua filosofia. Uma vez que já publiquei um estudo aprofundado sobre o diagrama peirceano das ciências, contendo fartas discussões sobre o lugar ocupado pelas disciplinas filosóficas nesse diagrama (Santaella 1992), basta mencionar aqui que Peirce era, antes de tudo, um cientista. Em função disso, a filosofia foi por ele concebida como um dos gêneros da ciência. Vale notar que seu conhecimento das ciências não se deu meramente através de livros, mas na prática efetiva dos laboratórios. A palavra ciência

não tinha para ele, portanto, um sentido metafórico. E por ter praticado nas mais diversas espécies de ciências, além de nunca ter negligenciado o que hoje chamamos de humanidades, sua concepção da filosofia como ciência não significava simplesmente tomar como modelo alguma ciência constituída e reconhecida, digamos a física, por exemplo, e passar a avaliar quaisquer outras áreas da ciência a partir desse modelo.

Em oposição a qualquer visão estática, modelar e hierárquica das relações entre as ciências, durante toda a sua vida, Peirce devotou enorme respeito e desenvolveu grande admiração pelas diferenças de estratégias e métodos que existem no interior de cada ciência, considerando inclusive a importância das transformações históricas pelas quais os métodos vão passando, no decorrer do tempo, dentro de uma mesma ciência. A partir desse ponto de vista, assim como qualquer outra área do saber, a filosofia foi por ele entendida como ciência, na medida em que ela também deve fazer uso, à sua maneira, de hipóteses e encontrar, também à sua maneira, os meios de validação de suas hipóteses. Mas, para que isso se realize, a filosofia não precisa estar submetida a nenhum modelo externo. Conforme será visto mais detalhadamente na segunda parte deste livro, no diagrama filosófico peirceano, as relações entre as disciplinas científicas são relações necessariamente dialógicas, num sistema dinâmico de trocas, em que ciências mais abstratas fornecem princípios às menos abstratas, enquanto estas abastecem aquelas com dados concretos.

Muito bem, tudo isso para dizer que a estética peirceana é uma entre várias disciplinas que se configuram no interior de uma arquitetura filosófica concebida como ciência. Por tudo que possa soar estranho à primeira vista, a estética é, para Peirce, uma disciplina filosófica e científica cujo conteúdo só pode se tornar compreensível quando examinado nas múltiplas relações existentes entre a estética e as demais disciplinas filosóficas, do mesmo modo que o diagrama filosófico peirceano como um todo só pode se tornar compreensível nas relações que a filosofia estabelece com áreas científicas extrafilosóficas. O estudo dessas relações, tendo em vista o desenho do perfil específico da estética na filosofia científica de Peirce, será, conforme já foi sugerido, o assunto da segunda parte.

Durante muitos anos, os estudos da obra peirceana estiveram divididos em duas tendências quase opostas e incomunicáveis: de um lado, os estudos levados a cabo por filósofos, de outro, aqueles realizados por semioticistas. Por várias ocasiões, tive a oportunidade de discutir essas duas tendências, chamando a atenção para o fato de que o retrato da obra peirceana que cada um desses grupos nos apresenta é tão diferencial que eles não parecem estar trabalhando com a obra de um mesmo autor. É certo e notório que há uma pluralidade tão impressionante de aspectos a serem explorados na obra de Peirce que, muitas vezes, eles não parecem vir de uma só pessoa. Contudo, não é a isso que estou tentando me referir, mas ao problema de que os interesses que levam os filósofos, de um lado, a ler Peirce, e os interesses dos semioticistas, de outro, são tão discrepantes a ponto de eles terem se constituído em dois grupos de leitores separados, antagônicos e aparentemente inconciliáveis. Em síntese: enquanto os filósofos só tendem a se interessar por temas tradicionalmente tidos como filosóficos, teimosamente ignorando o papel que a lógica ou semiótica – por ocupar exatamente a posição do coração no diagrama das disciplinas filosóficas – tem a desempenhar no pensamento de Peirce, os semioticistas, por sua vez, só dão relevância para alguns aspectos isolados da semiótica, especialmente as definições e classificações de signos, negligenciando completamente as raízes filosóficas e as interações com as outras disciplinas de onde a semiótica extrai o seu sentido.

Embora de uns poucos anos para cá esteja ocorrendo uma necessária e salutar aproximação entre os filósofos e semioticistas de extração peirceana, a interpretação do pensamento de Peirce continua até hoje, infelizmente, marcada por esse antagonismo de base. Ora, mesmo se tratando de um dos aspectos mais negligenciados de sua obra, a estética também foi marcada pelo sinete dessa divisão. De um lado, destacam-se alguns poucos intérpretes que apresentaram estudos da estética peirceana como disciplina filosófica. De outro lado, aparecem os intérpretes, também poucos, que, provavelmente desconhecendo os escritos de Peirce voltados especificamente para a discussão da importância da estética na sua filosofia, especialmente para o papel por ela desempenhado na definição do seu pragmatismo evolucionista, procuraram reconstruir, a partir da teoria dos signos,

o que poderia ter sido ou o que poderia vir a ser uma estética semiótica, ou melhor, em que medida a semiótica peirceana pode nos ajudar a pensar questões estéticas.

Havendo, no estado da arte, uma tal divisão entre os intérpretes, ela será tomada também como uma das referências deste livro. Assim sendo, o nono capítulo estará voltado especificamente para a discussão de uma estética semiótica de linha peirceana. Em resumo, o livro seguirá a seguinte estrutura: As Estéticas Filosóficas, primeira parte; A Estética Filosófica de Peirce, segunda parte. Os cinco capítulos da primeira parte seguirão uma seqüência tanto quanto possível histórica, no sentido mais simples da palavra história, quer dizer, numa cronologia quase linear, que só será deliberada ou involuntariamente interrompida sob força das necessidades criadas pela argumentação de algumas idéias. Os cinco capítulos da segunda parte tratarão da estética peirceana em profundidade, desde suas relações com o quadro mais amplo da obra e das outras disciplinas filosóficas até os dilemas que tiveram que ser enfrentados para que a estética se sustentasse como uma filosofia científica. Serão também trabalhadas as relações entre estética e semiótica. Visualmente, a primeira parte pode ser comparada a uma linha horizontal e a segunda a uma linha vertical. O livro traz a esperança de que o virtual ponto de encontro dessas duas linhas possa produzir no leitor algumas faíscas de iluminação.

Não obstante minha consciente predileção pelas simetrias, devo confessar que o plano deste pequeno livro, evidentemente simétrico, sob qualquer ângulo de observação, não parece ter sido ditado por essa predileção, mas sim pelas exigências do próprio assunto e do material que encontrei sobre ele. Assim creio que tenha sido, a menos que, certamente à minha revelia, o inconsciente esteja me pregando mais uma de suas peças.

## Primeira parte: As estéticas filosóficas

- ① - Falar sobre Platão/Aristóteles/Santo Tomás
- ② - Renascimento  
Renas.

esta parte do livro, trata-se de uma introdução geral, que serve para situar o leitor no contexto da obra. O autor, Charles S. Peirce, aborda a questão da estética em um sentido amplo, considerando-a não apenas como uma disciplina filosófica, mas também como uma prática social e cultural. Ele discute a importância da estética para a vida humana e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A introdução é dividida em duas partes principais: a primeira trata da estética em si mesma, e a segunda trata da sua aplicação prática na vida cotidiana.

## Introdução

Conforme foi mencionado na introdução geral, esta parte tem por finalidade criar uma moldura histórica relativa às mais conhecidas e influentes teorias estéticas que nasceram no seio da filosofia no Ocidente, para que se possa projetar, dentro desse contexto, na segunda parte do livro, a concepção da estética desenvolvida por C.S. Peirce. Não há, nem poderia haver, nesta modesta moldura, qualquer intenção de aprofundamento. Todos os filósofos que serão mencionados nesta primeira parte escreveram copiosamente e foram autores de obras complexas.

- O conhecimento sério e sutil de um único filósofo é empresa para uma vida inteira. Não se pode ocultar, assim, o quanto há de leviandade e consequente simplificação em qualquer tratamento de mais de vinte séculos de filosofia em algumas dezenas de páginas. Mas existem momentos em que esquematizações se fazem necessárias. Acreditando que esta parte é um desses momentos, penso, com isso, estar até certo ponto justificada para trocar a profundidade de uma visão microscópica e vertical pela simplicidade de uma visão de conjunto ou panorâmica. ←

Numa síntese muito generalizada, pode-se dizer que as estéticas filosóficas do Ocidente passaram, pelo menos, por três fases diferenciais bem demarcadas: 1) o nascimento das teorias do belo e do fazer criador nas obras de Platão e Aristóteles, que se estenderam, não obstante as particularidades específicas de

(A)

cada período histórico, pelo mundo latino, a Idade Média e a Renascença. 2) O deslocamento da ênfase no objeto da beleza para o sujeito que a percebe, a partir da reação de Anthony Ashley Cooper, Lorde de Shaftesbury (1671-1713), aos avanços das ciências físicas e aos desafios apresentados pelas filosofias de René Descartes (1596-1650) e Thomas Hobbes (1588-1679). Nessa vertente, mas mais propriamente dentro do espírito empiricista de John Locke (1632-1704), tiveram origem as teorias inglesas do gosto que, aparecendo pela primeira vez, em 1712, nos escritos de Joseph Addison (1672-1719), receberam desenvolvimentos sistemáticos nas obras de Francis Hutcheson (1694-1740) e David Hume (1711-1776). Expostos às questões emergentes da percepção, do desinteresse, da apreciação, do sublime, e sensível especialmente aos apelos do "paradoxo do gosto", levantados por Hume, Kant veio fazer de sua terceira crítica, a da faculdade do juízo ou julgamento, a obra inaugural da idade de ouro da estética, que, estendendo-se pela proeminência do estético dentro do idealismo absoluto de Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854), encontrou seu apogeu na Estética de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1779-1831). 3) A partir do século XIX, com Arthur Schopenhauer (1780-1860), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e, no século XX, com Martin Heidegger (1889-1976) e as estéticas fenomenológicas, o descentramento da secular preocupação com o belo viria produzir a explosão e atomização cada vez mais crescente da estética em versões particularizadas e diferenciadas. Destacando-se as figuras exponenciais e influentes de Benedetto Croce (1866-1952) e John Dewey (1859-1952), cujas obras deslocaram a questão do belo para os conceitos de "arte como expressão" e de "arte como experiência", a estética filosófica, propriamente dita, foi cedendo terreno para as incontáveis teorias da arte que foram e continuam sendo desenvolvidas por estudiosos, muitas vezes poetas, como foi o caso dos românticos ingleses e alemães e, depois, dos simbolistas franceses, muito especialmente Paul Valéry (1871-1945), situados mais fora do que dentro da filosofia. Só recentemente, a partir dos anos 80 deste século, os debates sobre a pós-modernidade viriam recolocar as questões estéticas de volta ao centro da cena das artes, cultura e filosofia.

São, de fato, inumeráveis as teorias da arte que os dois

últimos séculos viram nascer. Na medida mesma em que foi se dando o movimento descendente do ocaso do belo, ia se dando, em movimento contrário, a emergência, por todos os centros e cantos do globo, de teorias da arte numa quantidade e profusão tais que qualquer pretensão de descrevê-las transformou-se numa empresa talvez impossível. Por isso mesmo, a moldura, que será aqui configurada, não inclui, de um lado, as obras criativas ou ensaísticas, realizadas por poetas e artistas ao longo dos séculos, as quais evidentemente influenciaram grandemente os filósofos na construção de suas estéticas, num processo inevitável de intercomplementaridade criativa e intelectual. De outro lado, serão também excluídas quaisquer teorias da arte não explicitamente filosóficas. Por uma questão de coerência em relação ao recorte necessário para atingir os propósitos que este livro visa atingir, só serão incluídas, nesta primeira parte, as estéticas nitidamente filosóficas que se originaram no Ocidente.

➔ Buettner (*apud* Tilghman, em Dickie et alii. 1977: 160) nos diz que "em oposição à estética, que é a investigação filosófica da arte e beleza, a teoria da arte investiga as idéias dos artistas, num esforço de explicar a variedade de fenômenos tanto na vida quanto na obra dos artistas. Sendo mais gerais, as filosofias da estética, portanto, tratam os problemas específicos e concretos, com os quais as artes lidam, apenas como ilustração ou exemplificação para suas abstrações conceituais. Assim se deu em Platão, assim continuou se dando em todas as outras estéticas nascidas no interior da filosofia, até pelo menos o final do século XIX, como se verá a seguir." ➔